
Jornalismo baseado em conhecimento a formação do jornalista em Thomas Patterson e na pesquisa brasileira?

Rafael Grohmann¹

Márcia Furtado Avanza²

Resumo: O jornalismo e suas práticas se modificam nos últimos anos devido às tecnologias, a novos processos produtivos e de comunicação e à presença de novos atores midiáticos. Com isso, há muitas pessoas, sejam da academia ou do mercado, pensando o “futuro do jornalismo” e os caminhos da formação jornalística. O presente artigo pretende apresentar as contribuições do autor norte-americano Thomas Patterson para o jornalismo com a conceituação de “jornalismo baseado em conhecimento” e mostrar como a pesquisa brasileira pensa este tema, a partir de outras terminologias, ao menos, desde a década de 1950, a partir de Danton Jobim e Maria Aparecida Baccaga.

Palavras-Chave: Comunicação; conhecimento; formação; jornalismo; trabalho

Abstract: The journalism practices changed in recent years because of technologies, new productive and communication processes and the presence of new mediatized actors. There are so many people, whether from academia or the market, thinking the “future of journalism” and the ways of journalism education. This paper aims to present the contributions of American author Thomas Patterson for journalism with the concept of “knowledge-based journalism” and highlight how the Brazilian research think this theme from other terminologies, at least since the 1950s, from Danton Jobim and Maria Aparecida Baccaga.

Keywords: Communication; knowledge; education; journalism; work.

¹ Rafael Grohmann. Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela USP. Professor do Centro Universitário FIAM-FAAM. E-mail: rafael-ng@uol.com.br.

² Márcia Furtado Avanza. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora do Centro Universitário FIAM-FAAM. E-mail: marcia.avanza@gmail.com.

O jornalismo e suas práticas se modificaram nos últimos anos. Em parte, essas modificações se devem à introdução de novas tecnologias. Mas os processos produtivos também mudaram. Não se trabalha com jornalismo da mesma forma que há vinte anos. A presença de novos atores midiáticos, com o processo de midiaticização dos fenômenos sociais (HJAVARD, 2012) também impactou de alguma forma no jornalismo.

Com isso, o perfil do profissional jornalista também mudou, como mostram as pesquisas de Mick e Lima (2013) e Fígaro, Nonato e Grohmann (2013). Este perfil é o de uma mulher, jovem, solteira, que trabalha em ritmo acelerado, com várias funções ou vínculos, muitas vezes instáveis. Essa lógica mostra que, se de um lado, o jornalista modifica seu estatuto, saindo das funções consideradas “tradicionais”, há uma “explosão do jornalismo”, no sentido de Ramonet (2013), pois se precisa de jornalistas nas mais diversas funções, antes impensáveis.

É a era do “jornalista-convergente”. O jornalista tem que ser multiplataforma e polivalente, com a exigência de domínio dos mais variados meios e linguagens, assumindo funções desempenhadas antes por outros profissionais. Trata-se de uma polivalência não somente tecnológica, mas midiática e temática. “Um jornalista começa a usar o computador para editar vídeos, um designer gráfico se aproxima do mundo da edição de áudio e o fotógrafo descobre o aplicativo para retoque de imagem” (SCOLARI, 2008: 203). Segundo Hélder Bastos (2010: 65), “a indústria procura, cada vez mais, jornalistas versáteis que saibam entender, se não trabalhar, através de diferentes media ou num sistema de *media* convergentes”.

A partir desse cenário, há muita discussão na comunidade jornalística, seja ela profissional ou acadêmica, sobre o “futuro do jornalismo”, a partir de questões como: quais rumos a profissão vai tomar? Quais as novas formas de se fazer, de se pensar e consumir jornalismo? Quais as novas linguagens e os novos modelos de negócio que podem dar certo no jornalismo?

Entre essas questões, há uma que é a base para a estrutura do presente *paper*: com essas mudanças, quais habilidades e competências seriam um

diferencial para esse “novo” jornalista e como isso impacta na formação do jornalista?

O norte-americano Thomas Patterson lançou em 2013 o livro “Informing the News”, que busca refletir sobre as práticas jornalísticas e coloca a necessidade de um jornalismo baseado no conhecimento (“knowledge-based journalism”). No entanto, este tema não é inédito nem recente na pesquisa brasileira em comunicação. O presente artigo pretende apresentar as contribuições de Patterson para o jornalismo com a conceituação de jornalismo baseado no conhecimento (“knowledge-based journalism”) e mostrar como a pesquisa brasileira (a partir de dois autores: Danton Jobim e Maria Aparecida Baccega) pensa este tema, a partir de outras terminologias, ao menos, desde a década de 1950.

Thomas Patterson e o “Knowledge-Based Journalism”

Thomas Patterson é professor da John Kennedy School of Government na Universidade de Harvard e possui uma trajetória de pesquisa ligada às inter-relações entre mídia e política. Atualmente, ele é diretor de pesquisas do “Journalist’s Resource”, projeto que examina tópicos de notícias a partir de um foco de pesquisas, pavimentando material acadêmico que possa ser relevante para outros profissionais da mídia. O site do projeto foi nomeado em 2013 como um dos melhores da internet com conteúdo gratuito.

O Journalist’s Resource é parte da “Carnegie-Knight Initiative on the Future of Journalism Education”³, que tem implementado reformas curriculares em muitas escolas de jornalismo dos Estados Unidos. A iniciativa nasceu de uma percepção de que o jornalismo “passava por apuros”, em suas próprias palavras, não só por causa dos impactos tecnológicos, mas pelo colapso econômico do modelo tradicional de jornalismo, havendo um sentimento

³ Mais informações neste link:
http://journalistsresource.org/wp-content/uploads/2011/08/c-k_initiative_2011.pdf

crecente de que o mundo precisava de um jornalismo mais profundo e de jornalistas melhores capacitados.

A iniciativa tem por objetivos fortalecer o negócio de notícias nos Estados Unidos e também as escolas de jornalismo, ajudando a revitalizá-las. Foram identificadas três grandes tarefas: a) enriquecimento curricular com o objetivo de uma maior integração das escolas de jornalismo com o restante da universidade; b) um programa de estágio na forma de uma incubadora, o News21, que criaria projetos nacionais de jornalismo investigativo; c) pesquisa e criação de uma plataforma para educadores falarem sobre questões de política e formação jornalística, justamente o “Journalist’s Resource”.

Esse é o pano-de-fundo para o livro mais recente de Thomas Patterson, “Informing the News: the need for knowledge-based journalism”, lançado em 2013. Nele, o autor reafirma o papel do jornalismo para a democracia e para a cidadania, ainda mais em um tempo em que os cidadãos comuns também são produtores de conteúdo. “Jornalistas estão no trabalho diário de fazer o invisível visível, de conectar-nos ao mundo além de nossa experiência direta. A vida pública é cada vez mais complexa, e precisamos de uma fonte contínua de informações oportunas e relevantes sobre as questões cotidianas. É por isso que precisamos de jornalistas” (PATTERSON, 2013: 17).

O jornalista não desaparece no momento onde os canais de informação se multiplicam, onde as narrativas tomam outra forma e estão por toda a parte, onde as redes sociais se tornam um lugar privilegiado de acesso à informação, em um momento onde os usuários produzem e remixam os conteúdos. Sua importância ainda é central como mediador, editor e tradutor do mundo (SILVERSTONE 2002), produtor de sentidos central para a vida cotidiana.

O cenário que Patterson desenha para a comunicação é semelhante ao diagnóstico de Wolton (2011). Para o teórico francês, há uma abundância de informação e uma raridade de comunicação, efetivamente, pois

a questão da comunicação é o outro. Uma diferença quase ontológica com a informação. Claro que não há mensagem sem destinatário, mas ainda assim a informação existe em si. O mesmo não acontece com a

comunicação. Ela só tem sentido através da existência do outro e do reconhecimento mútuo (Wolton, 2011: 59).

O excesso de informação, devido à explosão das narrativas midiáticas, pode levar à desinformação, como no clássico conceito de “disfunção narcotizante”, de Merton e Lazarsfeld (2000). O jornalista, portanto, assume um papel de curador, de organizador do caos.

No entanto, em sua prática, como exercer esse papel colocado por Patterson (2013) e Wolton (2011)? Para os autores, a solução está no conhecimento. Thomas Patterson diz que o jornalista possui um déficit de conhecimento e somente uma sólida formação jornalística pode fomentar a busca por esse conhecimento aprofundado, que seja um diferencial para o receptor.

De acordo com o autor, o jornalista, às vezes, se encontra na posição ingrata de saber menos sobre o assunto do que o *newsmaker*, que é uma inversão do que costuma ocorrer em outras práticas profissionais. “Só raramente os clientes sabem mais sobre a lei do que seus advogados, enquanto os *newsmakers* normalmente sabem mais sobre o assunto em questão que os jornalistas que fazem sua cobertura” (PATTERSON, 2013: 87).

Uma das causas desse déficit de conhecimento do conteúdo do assunto a ser tratado é explicada pelo autor a partir do fato de que os jornalistas americanos são formados/treinados na apuração e nas técnicas de entrevista e redação, mas não se aprofundam em nenhum conhecimento, sendo conhecido por ser o “especialista em generalidades”.

Entretanto, o conhecimento de economia de um jornalista deve ser processado de maneira diferente em relação a um economista, ressignificando o saber a partir de suas práticas e de seu campo de atuação. Para autor, é necessário um conhecimento sobre como usar esse conhecimento e as escolas de jornalismo podem ajudar nessa tarefa.

É preciso, ainda, contextualizar a informação, para que ela realmente importe ao público. Para isso, é necessário outro tipo de conhecimento: o

domínio dos processos comunicacionais, entendendo realmente os sujeitos telespectadores/ leitores/ ouvintes e não somente como “audiência presumida” (VIZEU, 2005), mas reconhecendo e convivendo com a alteridade.

Isso se torna mais importante ainda se considerarmos o “fetiche pela velocidade” e o “deadline contínuo” nos processos jornalísticos. Wolton (2011) também concorda com este ponto e afirma:

No momento em que as nossas sociedades são permeadas pela continuidade e pela interatividade, dando a impressão de que cada um pode fazer tudo, é fundamental lembrar a importância dos saberes e das competências e a ilusão de se ter um cidadão onisciente. O acesso fácil às informações e aos conhecimentos não invalida, ao contrário, o papel dos especialistas nos campos da informação, da cultura e do conhecimento. Essas profissões intermediárias são indispensáveis para relativizar a ilusão de um mundo transparente onde cada um seria um ator ‘multiconectado’ Elas enfatizam o papel dos conhecimentos a serem transmitidos (WOLTON, 2011: 84-85).

Para isso, para Patterson (2013), é preciso que o jornalista pense os processos comunicacionais e jornalísticos, procurando desnaturalizar as rotinas jornalísticas e tornar sua prática profissional mais reflexiva. Já em um exercício de comparação da proposição de Patterson com a pesquisa comunicacional brasileira, a autora brasileira Sylvia Moretzsohn chega a tratar o tema da “desnaturalização das rotinas”, a partir do conceito de “brechas”.

Para podermos encontrar estas “brechas”, segundo Moretzsohn (2007), temos que realizar um “cotidiano exercício de suspensão da cotidianidade”, ou seja, desnaturalizar os fatos o tempo todo, sem, no entanto, perder os próprios valores do jornalista. Somente pode-se “furar” a estrutura se houver um reconhecimento de que não se tratam de sujeitos assujeitados, e que sempre há a possibilidade do ineditismo. “Trata-se de reconhecer os constrangimentos impostos por uma estrutura que, entretanto, jamais consegue conformar integralmente o processo produtivo.” (MORETZSOHN, 2007: 286).

O discurso crítico penetra por essas fissuras, e é nesses momentos que o jornalista se despe do caráter alienante para se revelar trabalho criador, “apesar das condições em que se desenvolve: trabalho resultante do processo de suspensão de cotidianidade, capaz de levar à reflexão e de fornecer, no

movimento de retorno ao cotidiano, elementos que contribuam para um novo senso comum” (MORETZSOHN, 2007: 286). Como dizem Barros Filho e Martino (2003: 146), “mesmo ações poderosamente mecanizadas, com procedimentos fortemente interiorizados por inculcação em horas de observação e prática, como a condução de um automóvel, não dispensarão, em situação anômala, cálculo e reflexão”.

Portanto, o jornalismo baseado no conhecimento, para Patterson (2013), exige uma mudanças nas práticas e na formação dos jornalistas norte-americanos. A partir disso, ele enaltece o trabalho feito na “Carnegie-Knight Initiative on the Future of Journalism Education”, colocado como exemplar.

Ora, somente nesta seção, já incluímos pesquisadores brasileiros que tratam dos conceitos traçados por Patterson. Mas na longínqua década de 50, já havia pesquisadores brasileiros pensando o tema da formação do jornalista de maneira semelhante, como Danton Jobim.

Danton Jobim e a Pedagogia do Jornalismo

Danton Jobim foi um jornalista brasileiro que começou a trabalhar na imprensa em 1923. Formado em Direito, atuou em diversos jornais no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1948, assumiu a cátedra de Jornalismo do recém-criado curso na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1970, elegeu-se o Senado Federal. Como profissional e professor de Jornalismo, Jobim teve reconhecimento internacional. Primeiro, em 1952, ao receber o prêmio “Maria Moors Cabot”, conferido pela Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, aos jornalistas latino-americanos que mais se destacam na luta pela liberdade de imprensa. Depois, em 1953, ao ser convidado para dirigir um seminário sobre jornalismo comparado na Universidade do Texas. Em 1957, ao ser convidado para uma série de conferências na Sorbonne, no Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina e no Instituto de Estudos Políticos em Paris, França. E, finalmente, em 1958, quando foi convidado para lecionar Didática de

Jornalismo no Centro de Estudos Superiores de Jornalismo da América Latina (Ciespal), em Quito, no Equador (entidade vinculada à Unesco), período em que desenvolveu sua pedagogia para o ensino do jornalismo.

Jobim, em sua proposta para uma pedagogia do jornalismo, resume as finalidades do ensino na área: dar formação cultural, ética e profissional; analisar e revisar técnicas jornalísticas através da investigação metódica; estudar do fenômeno social da informação. Para o pesquisador, não pode haver distinção entre matérias formativas ou informativas. Por mais distantes que pareçam do currículo de um curso de jornalismo, Jobim (1964, p.5) sustenta que “todas as disciplinas, qualquer que seja sua natureza, têm finalidade educativa contribuindo em maior ou menor grau para a formação do estudante” têm influência em seu cotidiano e despertam sua curiosidade.

No Seminário sobre a Formação de Jornalistas, realizado em Quito, no Equador, em 1958, como objetivo de discutir a grade curricular dos cursos de jornalismo, Jobim já defendia uma formação ampla para o jornalista:

O número de reformas sofridas pelos cursos em dez anos de vida mostra o interesse que põem as autoridades do ensino e a congregação da faculdade em dar-lhe cada vez maior eficiência. Nos debates em torno dessas reformas, tem-se mantido com segurança o critério de que o nível de instrução ministrado deve ser o universitário ou de ensino superior e não o de um curso para a simples formação de práticos em jornalismo. Um jornalista – esta é a opinião generalizada – tanto precisa de conhecimentos básicos na sua profissão como de uma cultura geral de nível universitário. Elevar o padrão não apenas profissional, no sentido estrito, mas ainda cultural e ético do ofício, esta é a missão das boas escolas de jornalismo, qual têm participado inclusive os professores das cadeiras técnicas (JOBIM, 2003: 216-217).

O principal obstáculo a vencer, naquele momento, era a visão tecnicista na formação do jornalista. A histórica segregação entre cultura e utilidade perdura dentro dos valores educacionais e se refletem, segundo Dewey (DEWEY, 1956: 324), numa separação entre a educação liberal, “que serve a uma vida auto-suficiente de lazes dedicados ao saber pelo saber, e a preparação utilitária e prática para as ocupações mecânicas, preparação desprovida de conteúdo intelectual e estético”. Por essa razão, Jobim defende que o ensino de jornalismo, em seus múltiplos aspectos, é extremamente

adequado para dar ao jovem uma “visão panorâmica das aventuras e conquistas do homem no mundo de nossos dias”. Nesse sentido, a escola, como agente da transmissão e distribuição dos conhecimentos intelectuais tanto no campo da ciência quanto no da técnica, não pode abrir mão de colocar toda espécie de informação a serviço do homem, contribuindo para seu aperfeiçoamento moral. Justifica essa afirmação lembrando que “o material, nas redações, é o assunto”, que precisa ser transformado pela mente do jornalista até chegar a ser jornalismo. Os repórteres reagem diante de um conjunto de fatos que constituem a notícia que eles devem elaborar.

Em certo sentido, talvez se pudesse dizer que o jornalista é o ser humano melhor ajustado ao seu tempo. Vivendo na aparente vertigem dos acontecimentos, participando deles, mas tendo por ofício o dever de observá-los e interpretá-los, adquire um poder de adaptação excepcional, uma super-plasticidade psíquica. Esta poderá degenerar, com certeza, em leviandade e cinismo. Contra tal ameaça prevalecerá, por certo, a educação integral que ele receberá no meio universitário, onde sua aprendizagem se faça sob o permanente domínio da preocupação ética (JOBIM, 1964: 6).

A importância do ensino das humanidades no curso de jornalismo está associada à formação de uma cultura geral. “É mais fácil fazer um bom jornalista de uma pessoa culta, que nunca entrou numa redação, que de outra que, conhecendo os segredos ou truques do ofício, não possui um nível razoável de cultura geral”, assegurava Jobim, que já tinha vivenciado na redação do jornal *Diário Carioca* a experiência de formar jornalistas.

Defendia, inclusive, que as disciplinas culturais não poderiam ter um papel de segundo plano na formação do aluno, considerando que elas eram uma “porta aberta ao trato inteligente dos problemas mais diversos”. Na sua visão, tudo o que é ensinado no curso faz parte da grande disciplina “jornalismo”. No entanto, a questão sempre presente era como mesclar as disciplinas humanísticas com as técnicas da profissão dando um formato de unidade?

A mesma pergunta foi levantada no “Seminário sobre a Formação de Jornalistas”, dessa vez ocorrido no Rio de Janeiro, também em 1958, quando se sugeriu que as escolas buscassem a coordenação dos elementos culturais e técnicos. Avanza (2007: 137) destaca que o resultado dessa discussão recomendou que, na parte humanística, fosse dada preferência ao ensino

formativo, com maior destaque às disciplinas que tivessem como objetivo ensinar a pensar e a ordenar as ideias, que levassem o aluno a conhecer e penetrar na realidade nacional e internacional, e que o auxiliasse a interpretar o sentir coletivo e a consolidar as normas morais que regem o exercício da profissão.

E o que faz parte desse ensino? Jobim defendia que tudo que se ensina em uma escola de jornalismo é jornalismo e que o currículo deveria refletir essa diversidade de conhecimentos necessários para a formação. Para isso, considerava que a “matéria jornalismo” é igual a Literatura mais História, mais Geografia, mais Sociologia, mais Economia e outros ramos do conhecimento humano, somadas às disciplinas características, como Legislação e técnicas jornalísticas especializadas. Para Jobim, qualquer matéria que adicione conhecimentos necessários para a formação de um jornalista deve fazer parte do currículo, porque não se pode pretender que um aluno tenha uma visão de mundo apenas aprendendo como se faz um lead. Afinal, o jornalismo não pode ser considerado apenas como um conjunto de técnicas e habilidades aplicadas a um fim puramente pragmático (AVANZA, 2007: 133).

Maria Aparecida Baccega e a gestão dos processos comunicacionais

Outra pesquisadora brasileira que, desde a década de 1980, se preocupa com o domínio dos processos de comunicação pelos profissionais é Maria Aparecida Baccega. Sua trajetória⁴ acadêmica se deu principalmente no campo das Letras, onde fez graduação, mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo. Ao se tornar professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1978, passa a aprofundar a contribuição das Ciências da Linguagem para a Comunicação, a partir de um olhar realmente comunicacional.

Desde lá, se tornou uma referência nacional para áreas de “comunicação e educação” e, mais recentemente, “comunicação e consumo”. Além disso, foi

⁴ Para maiores detalhes sobre a trajetória profissional e pessoal de Baccega, consultar Castro e Assis (2013).

uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a investigar a telenovela, principal produto ficcional na televisão. Alguns autores de referência são Mikhail Bakhtin e Adam Schaff, que a ajudam a pensar a comunicação a partir da situação concreta, da práxis. “A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora deste vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2010: 124). Ou seja, é preciso encontrar o sujeito concreto situado no processo de comunicação.

Para Baccega (2000), os jornalistas trabalham de acordo com a “mediação organizativa”, o primeiro filtro, a mediação no âmbito da produção e dos processos organizativos dos meios de comunicação. Esta mediação

leva em consideração seu público receptor, procurando selecionar o que há de mais conveniente tanto aos interesses da empresa a que pertence aquela mídia quanto ao perfil médio do público, levando ao senso comum, a uma repetição que procura travar o dinamismo da história (BACCEGA, 2000: 10).

Mas o diagnóstico não é fatalista; pelo contrário, é otimista quanto às possibilidades de ação dos jornalistas. Para ela, o comunicador é um criador de novas realidades: o que às vezes falta é a sua percepção enquanto “agente histórico” de mudanças⁵.

O comunicador contemporâneo não se apercebeu de sua condição de indivíduo/sujeito virtualmente capaz de tratar a complexidade da informação que trabalha. Esse sujeito-comunicador não se percebe mediador da realidade social que se lhe oferece e que ele, num processo reducionista, de ‘alienação’, vê simples num todo complexo (BACCEGA, 1998: 60).

O comunicador deve estar ciente de que é o “construtor do mundo”, responsável pelo “mundo editado” que chega à casa de muitos sujeitos e que. Ele, então, deve estar consciente dos sentidos que produz e exercer um papel de educador e mediador.

Para tanto, ele deve trabalhar com “conhecimento” e não com “informação” (ou seja, as mesmas expressões utilizadas por Patterson, em

⁵ Impossível não lembrar a clássica frase de Marx em “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”: “os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (MARX, 2011, p. 25).

2013). Para Baccega (2009), o conhecimento implica crítica e se baseia não na fragmentação, mas na inter-relação, a partir de uma visão que totalize os fatos, e só este conhecimento possibilita ao jornalista o papel de mediador.

Consideramos, porém, que informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. O conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação. Todos temos observado que essa troca do conhecimento pela informação tem resultado numa diminuição da criticidade. O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um 'dado', possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados. Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, podemos perceber, as informações – fragmentadas – não são suficientes (BACCEGA, 2009: 14).

É preciso, portanto, um conhecimento contextual, para que o “fato local” seja relacionado às questões globais, não considerando a sociedade como estanque ou fragmentada, outro ponto também abordado por Patterson (2013). Na visão de Baccega (2009), o comunicador deve ser um “gestor de processos comunicacionais”, harmonizando as necessidades comunicacionais das empresas, das instituições ou escolas, de seus trabalhadores e as vozes da sociedade como um todo, com sua diversidade de culturas. O domínio dos processos comunicacionais ainda deve envolver um conhecimento sobre as audiências, enquanto sujeitos do processo. Um comunicador, então, precisa levar em consideração “as mudanças que caracterizam a contemporaneidade, ter uma visão totalizadora dos problemas da sociedade, para compreender que comunicação e cultura se entrelaçam, redimensionando-se o conceito e a prática comunicacional” (BACCEGA, 2009: 14).

Portanto, como podemos ver, por mais que possam ter divergências epistemológicas no processo, o percurso de Baccega para compreender o comunicador se assemelha às preocupações de Thomas Patterson (2013) e o seu “jornalismo baseado no conhecimento”.

Considerações Finais

Uma sensação de déjà-vu, talvez sintoma de *Zeitgeist*: diagnósticos semelhantes aconteciam desde a época em que se comunicar globalmente era muito mais difícil, como mostram as contribuições de Saussure e Peirce à linguagem, cada um à sua maneira, um na França, outro nos Estados Unidos.

O norte-americano Thomas Patterson realizou diagnóstico sobre o profissional jornalista de forma semelhante a pesquisadores brasileiros, pensando a questão desde a década de 50 até hoje. Isso mostra, de alguma forma, como a ciência brasileira ainda possui um caráter “periférico” e que as “epistemologias do sul” (SANTOS; MENEZES, 2010) dificilmente penetram e são visibilizadas no hemisfério norte.

Esse desconhecimento e essa invisibilidade da produção brasileira poderia gerar um questionamento: “eles não produzem nada de relevante na área de jornalismo”. Pelo contrário, aos nossos olhos, os achados de Thomas Patterson não são novidades.

Logicamente, nem tudo abordado por Patterson foi absorvido pelo campo comunicacional/jornalístico do Brasil. Apesar de a ideia de um “jornalismo baseado no conhecimento” ser antigo no país, talvez faltem projetos nacionais como o citado nos Estados Unidos. Um dos caminhos para a maior especialização e formação dos jornalistas brasileiros pode ser a intensificação de cursos profissionais em nível de mestrado, ainda quase inexistentes no Brasil.

O que fica como crucial é: como formar um bom jornalista na era do jornalista convergente e multiplataforma? Segundo Claudio Tognolli (2001: 28-30),

numa sociedade cada vez mais regida pela prestação de serviços, pela eficácia, pelos serviços de internet, o aluno recebe, cada vez mais, reforços de que um jornalismo de serviços, funcionalista, é o mais bem aceito pelo mercado, e que portanto, se o mercado o requer, mais reforços de que o que fala o mercado é o que fala a voz da realidade. Como vamos produzir comunicadores sem um aparato crítico suficiente para traduzir as maquinações do discurso político, por exemplo? Prepararmos um profissional ‘de mercado’ pode trazer obviamente o erro de um profissional feito unicamente ‘para o

mercado', para atender à demanda de um funcionalismo que tudo requer, menos a razão crítica e a análise dos dados que esse mercado de informações tão diligentemente divulga (...) Esquemas teóricos despejados nos alunos produzem monstros capazes de se afastar da realidade (...). Esquemas práticos e funcionalistas criam comunicadores incapazes de criticar a ordem instituída, de interpretar o discurso político. A luta do professor de comunicações está justamente em mediar este terreno pantanoso (TOGNOLLI, 2011, p. 28-30).

O que realmente significa este “formar para o mercado” no campo do jornalismo? A partir das reflexões provocadas pelo conceito de “jornalismo baseado no conhecimento”, deixamos essas questões em aberto para aprofundarmos em nossas próximas pesquisas na área de jornalismo.

Referências

- AAVANZA, Marcia Furtado. **Danton Jobim, o mediador de duas culturas:** por uma pedagogia do jornalismo. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo: 2007.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem:** discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Mediação Organizativa:** o campo da produção. Comunicação & Educação, São Paulo, ano VI, n. 17, p. 7-16, jan/ abril 2000.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Apresentação. In: COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Gestão da Comunicação:** projetos de intervenção. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS FILHO, Clóvis; MARTINO, Luis Mauro de Sá. **O habitus na comunicação.** São Paulo: Paulus, 2003.
- BASTOS, Helder. **Ciberjornalistas em Portugal:** práticas, papéis e ética. Lisboa: Livros Horizonte, 2010
- CASTRO, Gisela; ASSIS, Francisco de (org.). **Maria Aparecida Baccega:** dedicação, ética e solidariedade. São Paulo: Intercom, 2013.
- DEWEY, John. **Democracia e educação:** breve tratado de philosophia da educação. Trad. Rangel, Godofredo e Teixeira, Anísio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As Mudanças no Mundo do Trabalho dos Jornalistas.** São Paulo: Atlas, 2013.

-
- HJARVARD, S. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: **MATRIZES**, São Paulo, n.2, p.53-91, 2012.
- JOBIM, Danton. **O espírito do jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. **Pedagogia del periodismo**: metodos de ensenanza orientados para la prensa escrita. Quito: Ciespal, 1964.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011
- MERTON, Robert; LAZARFELD, Paul. Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 103-127.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- PATTERSON, Thomas. **Informing the News**: the need for knowledge-based journalism. Random House, 2013.
- RAMONET, Ignacio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, Poder e Contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 85-102.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.
- SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: elementos para una teoria de la comunicaci3n digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SILVERSTONE, Roger. **Por Que Estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- TOGNOLLI, Claudio. **A Sociedade dos Chavões**: presença e função do lugar-comum na comunicação. São Paulo: Escrituras, 2001.
- VIZEU, Alfredo. **O Lado Oculto do Telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.
- WOLTON, Dominique. **Informar Não é Comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.